

SOB O VÉU DO ESTIGMA: ADOECIMENTO PSÍQUICO, SUICÍDIO E SAÚDE MENTAL EM PESSOAS VIVENDO COM HIV.

Antonio Alan Madeira Sales Junior

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

antonio.junior01@unifametro.edu.br

Ivan Nogueira dos Santos Junior

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ivan.santos@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Psicologia Social e Comunitária.

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde.

Encontro Científico: XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa.

RESUMO

Introdução: Desde os anos 1980, o HIV/AIDS tem representado um grave problema de saúde pública. O estigma social associado ao HIV ainda persiste, mesmo com os avanços no diagnóstico e tratamento, gerando impactos na saúde mental, isolamento e sofrimento psíquico de pessoas que vivem com HIV. **Objetivo:** Pesquisar sobre o fenômeno do estigma social e suas implicações na saúde mental de pessoas vivendo com HIV. **Metodologia:** O estudo se caracteriza como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, e utiliza a Psicologia Social como instrumento de análise dos resultados. **Resultados:** Estudos mostram que essas pessoas enfrentam preconceitos enraizados em representações sociais negativas, como promiscuidade e perigo, o que influencia sua autopercepção, adesão ao tratamento e qualidade de vida. Autores como Moscovici, Bruce e Phelan e Sawaia nos ajudam a compreender os efeitos psicossociais do estigma, que se manifesta também como sofrimento ético-político. Esse processo de adoecimento se mostra um potencializador dos fatores de risco ao suicídio. **Considerações finais:** Apesar da relevância do tema, ainda há escassez de estudos no Brasil que relacionem HIV, estigma e suicídio. O que acende o alerta sobre a necessidade urgente de mais pesquisas e políticas públicas voltadas para o cuidado integral dessas pessoas.

Palavras-chave: Estigma Social; HIV; Suicídio

INTRODUÇÃO

O HIV/AIDS, desde a epidemia em 1980, foi marcado por diversos fatores. Se tornou um grande problema de saúde pública e que impactou milhões de pessoas. Os impactos foram muito além das dimensões físicas e biológicas, gerando implicações sociais, psicológicas e simbólicas nas pessoas que eram diagnosticadas. Por muito tempo, essas pessoas tiveram que lutar pela suas vidas na busca por tratamento adequado, e dignidade frente aos ataques moralistas e preconceituosos que surgiram na época.

De acordo com a UNAIDS (2000, *apud* Kahhale et al. 2012):

Logo no início, a pandemia de HIV e aids incorporou uma variedades de metáforas que reforçaram a estigmatização e a discriminação de quem estava infectado. Mostravam a aids como morte através da imagem da Grande Ceifeira; como horror, ou seja, os infectados com HIV seriam endiabrados e temidos; como punição por comportamentos imorais e/ou promíscuos; como crime por se deduzir que há um culpado e um inocente; como guerra, pois o vírus precisa ser combatido; como o outro porque a infecção é vista como algo que aflige alguém distante de mim e como vergonha. (p. 91)

Desde então, o mundo tem progredido bastante nas formas de diagnósticos precoce, tratamentos antirretrovirais e formas de amparo a população que vive com o vírus, e também para o não contágio no caso da Profilaxia Pré-Exposição(PREP), medicamento eficaz em prevenir contra o HIV(Ministério da Saúde do brasil, 2022).

Porém, infelizmente, mesmo com esses avanços, o estigma e preconceito acerca da temática ainda se perpetua no nosso senso comum, e gera várias formas de violências e adoecimentos para as pessoas que vivem com HIV. São movimentos que ainda assustam grande parte da população, fere e discrimina diariamente as pessoas que vivem com o vírus, resultando no adoecimento psíquico dessas pessoas.

Nesse contexto, o processo de adoecimento dessas pessoas podem se intesificar e se relacionar com problemas de saúde mais complexos: o suicídio. Segundo Shirley (2013 *apud* Galvão, 2022), as taxas de consumação em suicídio por pessoas vivendo com HIV chegam a ser 3 à 5 vezes mais altas quando se comparada ao público geral. O Suicídio se apresenta como um ato multifatorial, no qual fatores biológicos, sociais, culturais e subjetivos se entrelaçam.

Diante disso, o seguinte estudo parte do objetivo de pesquisar sobre o fenômeno do estigma social e suas implicações na saúde mental de pessoas vivendo com HIV, um fenômeno que em muitos casos, se torna mais letal do que o próprio vírus, e a partir disso, refletir sobre o processo de adoecimento psíquico e consumação do ato ao suicídio desses sujeitos.

METODOLOGIA

O estudo se caracteriza como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, realizada nos principais bancos de dados “SciELO Brasil”, “Pespico” e “PubMed” dentre outras fontes. Foi estabelecido um critério de atualidade de dez anos, de 2015-2025. Para realização

foram utilizadas as palavras chave “Estigma Social”, “HIV”, “Suicídio” e “PVHIV”. Para discussão dos resultados, teorias e autores da Psicologia Social se apresentaram como importantes instrumentos de análise de dados.

A Psicologia Social é uma aliada para compreendermos tais fenômenos complexos, tendo em vista que, sua produção de conhecimento reconhece os fenômenos sociais como parte da subjetividade dos indivíduos, tal como suas práticas, discursos e simbolizações (Lane, 2006).

A revisão bibliográfica se caracteriza como uma metodologia que tem como base a análise da literatura científica que se encontra disponível sobre determinado tema ou área, geralmente livros, teses, artigos e dissertações científicas (Cavalcante; Oliveira, 2020)

Foram revisados 3 (três) estudos não nacionais que narravam os fatores de risco ao suicídio na vida de pessoas vivendo com HIV, 1 (um) nacional que falava sobre as implicações do estigma, e 2 (dois) livros sobre o adoecimento psíquico dessa população. Também foi revisado o website do Programa das Nações Unidas em Combate a AIDS (UNAIDS). Para análise dos resultados foram revisados estudos sobre estigma, suicídio, a teoria de Representações Sociais de Moscovici (2015), e a noção de sofrimento Ético-Político de Sawaia (2001).

Dentre os livros utilizados para revisão estava “HIV/AIDS: Enfrentando o Sofrimento Psíquico”(2012) de Edna Peters Kahhale, e a autobiografia do mestre em artes cearense Rhamon Soares, “Rhamon com H”, que narra sua trajetória desde o diagnóstico do HIV até o momento que foi lançado o livro, em 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fenômeno do estigma social se apresenta como um grande fator de risco e adoecimento na vida de pessoas vivendo com HIV. Segundo o Programa das Nações Unidas em Combate a AIDS (UNAIDS) no índice de estigma do ano de 2024, aponta uma série de violações de direitos humanos, como quebra de sigilo do diagnóstico, discriminação em serviços intencionais e de saúde, além de violências físicas. O mesmo estudo também aponta que a saúde mental é diretamente impactada pelo estigma e discriminação, as pessoas apresentavam sintomas de depressão e ansiedade após esses fatores estressores.

Guarnieri et al. (2024), ao investigar as vivências de jovens recém diagnosticados, evidenciou como a problemática se apresenta como fator negativo na experiência diagnóstica ao vírus. Os autores apresentaram como as representações sociais e estigma disseminado no

senso comum sobre o HIV surgia nas vivências dos sujeitos, foram citadas ideias de sujeira, promiscuidade, morte e o estereótipo de “carimbador”(Alguém que transmite propositalmente o vírus do HIV). Os mesmos trazem como esses discursos são culturalmente enraizados e afetam a autopercepção dos jovens. É um movimento que mexe com aspectos simbólicos e psicológicos, e muitos jovens expressaram sentimentos de abandono, de exclusão, medo e incertezas sobre o futuro. Os autores também citaram como esses elementos influenciam na postergação ao tratamento retroviral.

Segundo Moscovici (2015, p. 46) às representações sociais ocupam “com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzem o mundo de uma forma significativa”. Desse modo, elas surgem como fruto dos processos históricos, sociais e culturais. Pensando sob uma perspectiva sócio histórica as representações sociais sobre pessoas vivendo com HIV foram construídas pelo viés estigmatizante, atravessadas pelo moralismo na época da epidemia da AIDS, e também por outras formas de discriminação e preconceito.

Link e Phelan (2001) destacam que o estigma é o processo pelo qual se rotula, separa e discrimina um outro sujeito, e que emerge sobre alguns componentes, como a distinção e rotulação de diferenças humanas; depois disso, acontece a vinculação do estigmatizado a características indesejadas; E com isso a separação, discriminação e exclusão.

Esse tipo de exclusão gera formas de opressão e mal estar psicossocial na vida de pessoas vivendo com HIV. Suas relações sociais são abaladas, as relações sexuais/afetivas são afetadas e o medo e a insegurança só cresce. O sofrimento deixa de ser apenas subjetivo e adentra o campo político, tornando-se, como nomeia Sawaia (2001), um sofrimento ético-político. Refletir sobre o sofrimento desses sujeitos é pensar na maneira em como o fator do estigma impacta no seu processo de adoecimento psíquico.

Como podemos imaginar o seu processo de elaboração e subjetivação quando o mesmo está inserido em um discurso tão pertinente pelo senso comum? Um discurso que taxa, persegue e adocece. Como ressalta o artista cearense Rhamon Soares (2022, p. 32) “O estigma e o auto-estigma do HIV. As pessoas te inferiorizam com esse vírus. E se você tiver a cabeça fraca você acaba por aceitar esse sentimento de inferioridade.”

Algumas pesquisas pelo mundo explicam que em varios contextos a discriminação, preconceito e estigma estão associados com sentimentos de desesperança na vida e ideação suicida. Conforme Seb-Akahomen et al. (2019) o estigma prejudica a capacidade do indivíduo

de lidar com o diagnóstico, causando então, o desenvolvimento de sentimentos de desesperança e depressão. Yang et al. (2024) corroboram que “ser diagnosticado com HIV é um evento traumático que pode causar sofrimento emocional significativo devido ao estigma do HIV, sintomas físicos e o fardo da medicação ao longo da vida, o que pode contribuir para depressão, desesperança e até suicídio”.

Fernandes et al. (2022) contribuem que aspectos psicossociais (baixo suporte da família, estigma do vírus e vivência de discriminação e preconceito) “afetam substancialmente a qualidade vida e o bem-estar da PVHA(Pessoas vivendo com HIV/AIDS), pois provocam sentimentos negativos, potenciais agravantes à violência autoprovocada, afetando a valorização de si em relação aos outros e ao mundo, gerando sofrimento psíquico”. O autor também ressalta fatores como quadros psiquiátricos(doenças mentais ou concomitante) e abuso de substâncias e álcool.

O suicídio é um fenômeno multifatorial e multidimensional que se apresenta em varias culturas na historia da sociedade, e é entendido como um comportamento que se expressa de forma ambivalente, pois, o sentimento de querer viver e morrer se confundem no sujeito. Há uma urgência de acabar com a dor, mas se enxerga que a única forma de conseguir isso é através da consumação do ato (Associação Brasileira de Psiquiatria; Conselho Federal de Medicina, 2014).

É importante salientar que o estigma e suas implicações não se apresentam como fatores exclusivos para o desenvolvimento de pensamentos suicidas e consumação do ato. Portanto, não se nega seu enorme impacto como um potencializador de fatores de risco na trajetória dessas pessoas, e sua capacidade como um predisponente de adoecimento.

A pesquisa evidencia uma lacuna na literatura nacional pela falta de dados e estudos que discutam sobre o adoecimento e suicídio de pessoas vivendo com HIV, considerando todos os aspectos sociais, culturais, politicos e subjetivos que esses sujeitos estão inseridos no atual cenário brasileiro.

No dia 19 de setembro de 2025, em um documento publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) foi noticiado que a UNAIDS iria encerrar suas atividades até o fim de 2026. O órgão era responsável pelo o monitoramento e produção de estudos e pesquisas no que diz respeito às pessoas que vivem com HIV/AIDS, e atualmente é a organização que mais produz informação sobre o HIV/AIDS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o estigma social se constitui como grande fator de risco para pessoas vivendo com o HIV, isso impacta nas suas experiências diagnósticas, relações sociais e processos subjetivos. O que evidencia a importância de se produzir mais pesquisas e políticas públicas que promovam uma abordagem humanizada, inclusiva e que valorize a subjetividade dessas pessoas, visando à prevenção do suicídio e à promoção de seu bem-estar integral.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA; CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Suicídio: informando para prevenir*. Brasília: CFM; ABP, 2014. 52 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. *PrEP - Profilaxia Pré-Exposição*. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>. Acesso em: 23 set. 2025.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.

FERNANDES, Henrique; LIMA, Débora Vieira; HINO, Paula; TAMINATO, Monica; OKUNO, Meiry Fernanda Pinto. Self-inflicted violence and suicide in people living with HIV/AIDS: a systematic review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, p. e20210768, 2022.

GALVÃO, Pedro de Mello Vianna Pedrosa. Relação entre bem-estar espiritual e risco de suicídio em pacientes vivendo com HIV em acompanhamento ambulatorial. 2022. 41 f. Dissertação (Mestrado em Infecção HIV/AIDS e Hepatites Virais) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GUARNIERI, Rodrigo; BOTELHO, Fernanda Costa; SILVA, Lucas Alves Vieira da; ZUCCHI, Eliana Miura. Representações sociais do HIV e o cuidado de jovens recentemente diagnosticados. *Revista de Saúde Pública*, v. 58, p. 6, 2024.

KAHHALE, Edna Peters; CHRISTOVAM, Cynthia; ESPER, Elisa; SALLA, Mara; ANÉAS, Tatiana. *HIV/Aids: enfrentando o sofrimento psíquico*. São Paulo: Cortez, 2010. 144 p.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 408 p. ISBN978-85-326-2896-1.

LANE, Silvia T. Maurer. *O que é psicologia social*, 22ª ed. São Paulo : Brasiliense, 2006.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, v. 27, n. 1, p. 363-385, 2001. DOI: 10.1146/annurev.soc.27.1.363

SAWAIA, Bader Burihan (org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 156 p. Série Psicologia Social. ISBN 8532622615.

SEB-AKAHOMEN, Olusegun James; LAWANI, Anthony O.; JAMES, Benjamin O. Stigma and suicidality among people living with HIV attending a secondary healthcare facility in Nigeria. *Perspectives in Psychiatric Care*, v. 55, n. 4, p. 538-545, out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/ppc.12321>

SOARES, Rhamon Diêgo Sousa. *Rhamon com H*. Fortaleza: Premius Editora, 2024.

UNAIDS BRASIL. *Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil*. Brasília: UNAIDS, 2019. Disponível em: <https://unaid.org.br/indice-estigma/>. Acesso em: 23 set. 2025.

YANG, Zhi; CHEN, Xia; CHEN, Xin; XIE, Zhihong; LUO, Dong. Completed suicide risk factors among people living with HIV in Hunan Province identified through a psychological autopsy case-control study. *Scientific Reports*, v. 14, p. 30988, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-024-82101-7>.